

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE

Narrador - Na pacata povoação de "Aldeia Florida", Zé Fogueteiro era um tipo popular. Todos o queriam. Todos o estimavam. Todos o faziam parar a qualquer encontro. Alegre e conversador, divertia a todos com suas tiradas sempre expocâneas e não havia festa ou reunião de caráter popular em que sua presença não fôsse reclamada. Viuvo havia muitos anos, Zé Fogueteiro tinha dois grandes amores na sua vida: a sua pequena indústria de foguetes e a sua filha Noêmia, morena bonita e bem feita que embasbacava os rapazes da povoação quando, aos domingos, passava para a missa do Padre Gregório, no seu vestido engomado, uma flôr nos cabelos, o porte erecto e o andar cadenciado. (Pausa e tom) Zé Fogueteiro tinha, também, dois grandes sonhos na sua vida: ver bem casada a sua filha querida e fabricar um foguete de lágrimas que se destacasse de todos já existentes, pela sua beleza e originalidade. (Pausa e tom) Ha muitos anos o pobre homem vinha tentando experiências naquele sentido, sem que chegasse a obter o resultado tão desejado, mas, ainda assim, êle não desanimava e repetia sempre à sua Noêmia:

- Zé** - Eu ainda vô descobri êsse foguete. E quando ele estourá lá nas ar tura, eu quero que êle tome o geito de uma estrela bem grande e bem vermelha - como moça que o vento alevantô o vestido no meio da rua em dia de domingo - e fique, depois, derramando umas lágrima comprida como esperança de pobre!
- Noêmia** - Eu, pai, se fôsse o senhor, desistia desse foguete, sabe?
- Zé** - Óra essa, menina! Desistí, por que? Vô lá si eu sô gringo fujão?
- Noêmia** - Pois é, mas ha quantos anos o senhor está tentando descobrir esse foguete tão falado e nunca descobriu nada?
- Zé** - Não feiz mal. Dexistá. A gente vai tenteando... tenteando... até que acerta.
- Noêmia** - Mas até acertar, quanto dinheiro o senhor terá posto fora? Se jun tasse tudo que tem gesto nas suas experiências, garanto que teriamos o dinheiro suficiente para comprar até uma casa para nós.
- Zé** - Deixa, guria, deixa. Não te amofina. O dia que eu descobri esse mal vado... a gente compra a casa e tudo mais que tú desejá.
- Noêmia** - Ê... Deus pernita que chegue êsse dia, mas eu, infelizmente, não faço muita fé.
- Narrador** - E Noêmia tinha sobradas razões para desorar porque já vinha de longe as experiências e os fracassos do seu pai. Êle, entretanto, alma afeita à luta, não desanimava e nem deixava que se arrefecesse o seu desejo de vitória. Continuava trabalhando de dia nas suas comendas da sua indústria e à noite nas suas experiências. E

assim a vida ia seguindo o seu ritmo normal de todos os dias, quando um fato, para êle importantissimo, veio abalar a sua tranquilidade. (Pausa e tom) Depois do jantar, como sempre, saíra para dar uma volta, antes de enfurnar-se no seu minúsculo laboratório, quando encontrou, por acaso, o Padre Gregório que acabara de sair da visita que fizera a um paroquiano enfermo. E Zé Fogueteiro, com a sua proverbial loquacidade, abordara logo o assunto que mais o interessava:

Zé - Como é, seu vigário? A festa da nossa Padroeira já tá se aproximando e o senhor ainda não fez a sua incomenda? Olha que depois o tempo vai ficando escasso e na hora da largada voismicê me deixa apartado que nem queijo em cincho. Se lembre que eu sô sólito no serviço e preciso ir preparando os fôgos sem tempo. Esses foguete comua a gente tem de reserva, que sempre se vende, mas os otro a gente só empêça a trabalhá nêles quando arrecoba as incomenda.

Padre - Eu sei, Zé, eu sei, mas acontece que êste ano eu parece que só vou precisar dos foguetes comuns.

Zé - Ué, seu Padre, que é isso?! O senhor tá me negociando os estribo, ou êste ano a Nossa Senhora dos Remédio não vai tê a festança que sempre teve?

Padre - Vai ter, sim, Zé, mas o caso é o seguinte: você se lembra de um viajante de uma fábrica de fôgos da Capital que andou por aqui a questão de três meses?

Zé - Um ruano comprido, que andava sempre de pito nos queixo?

Padre - Exatamente. Pois êle me prometeu que me mandaria êste ano, gratuitamente e a título de propaganda, todos os fôgos que eu necessitasse para a festa.

OPERADOR - RAJADA MUSICAL BRILHANTE, SEM CORTAR A CENA.

Zé - (choque) Como?... Como foi que o senhor disse?... O ruano vai mandar os fôgo tudo... sem cobrá nada?!...

Padre - Exatamente. Pois ele faz isso para propoganda da fábrica.

Zé - (profundo desaponto) Ah!...

Padre - Eu bem sei, Zé, que esta noticia lhe cause um desaponto muito grande, porque você, há muitos anos, vem sendo o fornecedor para a nossa festa, mas afinal é preciso que você compreenda, também, que eu não podia recusar a oferta do homem, tanto mais que lutamos, sempre, com muita falta de recursos; não é verdade?

Zé - (triste) Bueno, é verdade, sim... eu sei... mas não é pelo dinheiro que eu fico triste, seu vigário, pode acreditar. Fico triste é de não podê dá, também de mão beijada, os meus foguete pra festa de Nossa Senhora dos Remédio. Si eu pudesse... ia garanto que não deixava esse peste do ruano vir pastá no potrero do meu lado. (suspira) Bueno, mas não há de sê nada. Com certeza Nossa Senhora mesmo é que quis me dá esse castigo, dacerto porque eu miriticê.

Padre - Em todo caso, Zé, os foguetes comuns eu vou precisar que você me fox.

- neça e pode ir preparando, desde já, umas vinte ou trinta dúzias.

Zé - Tá bem, seu Padre, tá bem. Vá com Deus e com Nossa Senhora.

Padre - Que assim seja, meu filho e que Deus lhe acompanhe também.

Narrador - Zé Fogueteiro saiu dali, sentindo-se completamente humilhado e deprimido. A festa sempre lhe dava algum ganho e esse bem que servia para de safogar a situação sempre precária em que vivia. A sua roupa nova de riscado e o vestido de chita que sua filha fazia, anualmente, para a festa, eram pagos, sempre, com o pequeno lucro daquela encomenda do Padre Gregório. Ele, ainda podia se apresentar na igreja com a roupa surrada do ano anterior, mas... e sua filha? Noêmia era moça e bonita e, como toda a moça bonita, era faceira também. Como dizer-lhe que não comprasse vestido novo porque ele não tinha dinheiro para pagá-lo? Não! Não poderia dar uma desilusão daquelas à sua filha. Tanto mais que ela - embora faltassem ainda quasi três meses para a festa - já andava às voltas com as páginas de modas das revistas que lhe caíam nas mãos? (TOM) Com aquele problema tão sério a dar-lhe voltas na cabeça, Zé Fogueteiro retornou à sua casa, completamente abatido e desanimado. Noêmia estava justamente a copiar um modelo de vestido, com um pedaço de papel de seda branca por cima da página de um figurino que a vizinha lhe emprestara. Ao ver o pai naquele abatimento tão grande...

Noêmia - (assustada) Pai! Que é que o senhor tem? Está sentindo alguma coisa?

Zé - Não, filha, não tenho nada. Acho que andei tomando uns trago meio demais. Isso passa.

Noêmia - Por que o senhor abusa, pai? O doutor Lanfredo já lhe disse que o senhor não deve beber.

Zé - Eu sei, filha, eu sei, mas é que a gente vai no entusiasmo da conversa e vai botando mais uma... e vai botando mais outra... e quando se dá conta a malvada já tá na cabeça e a gente não tem mais remédio senão esperar que ela desça.

Noêmia - Eu vou lhe fazer um cháinho; quer?

Zé - Não é preciso, não, filha. Eu agora vou me deitar, pego a olhá pra dentro e amanhã, quando me acordá, já tô sarado.

Noêmia - O senhor devia se cuidar mais um pouco, pai. O doutor já disse que o senhor precisa tomar remédios e o senhor não toma porque diz que não acredita em remédios. Precisa fazer regimen e diz que não faz porque quer morrer de barriga cheia. Dêsse jeito o senhor não melhora.

Zé - Ti qué sabê duma coisa, guria? Ninguém morre na véspre. Só perô. Eu me cuidando ou não me cuidando, quando chegá a minha hora embarco, mesmo sem comprá passagem. Quando a "magra" marca o vivente na paleta, ele põe o corcoviá como quizé que não tem escapatória.

Noêmia - Bem, eu também acho que a gente só morre quando chega a hora, mas a questão é que é muito melhor a gente viver com saúde do que empalmeado. Em todo caso... não adianta nada eu estar falando porque o senhor só faz o que quer e ninguém lhe convence do contrário. Vá desconsar, vá. O senhor deve estar cansado também. Trabalhou muito hoje.

Zé - É, eu vou me deitar, sim. Amanhã tá vai vê que eu já tô bom.

- Noêmia - Deus permita! Eu fico tão aflita quando lhe vejo doente que nem sei.
- Narrador - Zé Fogueteiro se afastou lentamente em direção ao quarto e se suuiu atrás de um reposteiro de chitão desbotado, pregado diretamente à bandeira da porta. Não demorou dos minutos estava deitado, mas o problema continuava a martelar-lhe o cérebro e êle não conseguiu dormir si não quando a madrugada já deixava entrever seus primeiros albores. Ao levantar-se, pela manhã, a marca da sua longa vigília estava visivelmente impressa na palidez do seu rosto e nas suas olheiras profundas. A filha, como era natural, se mostrou preocupada e como ele continuasse, por todo o dia, abatido e cismentado, ao anoitecer voltou a insistir para que êle procurasse o médico.
- Noêmia - Eu estou muito preocupada com o senhor, papai. Nunca lhe vi assim.
- Zé - Óra gurial! Eu não tenho nada, deixa de se boba.
- Noêmia - Boba seria eu, si acreditasse no que o senhor diz. O senhor nunca foi assim. Foi sempre alegre, ativo, conversador... Hoje passou o dia inteiro sentado e sem trocar uma palavra comigo, e não ser para responder o que eu lhe perguntei... Que é que está sentindo? Diga.
- Zé - Já te disse que não tenho nada, gurial.
- Noêmia - Não acredito. Pode dizer quantas vezes quiser porque eu não acredito.
- Zé - São bestera que passa, dexa. Tô meio boleadado dos casco, pronto.
- Noêmia - Eu não disse que o senhor tinha alguma coisa? Eu sabia. Também, pudera! Si depois de viver ao seu lado mais de vinte anos eu não lhe conhecesse... isso é que seria de extranhar. Eu só me lembro de lhe ter visto assim tão abatido quando a mãe morreu, portanto portanto o senhor deve ter um motivo muito forte que está escondendo de mim.
- Zé - Qual o quê! As veis uma besterinha de nada amassa a marmita do pensamento da gente do mesmo jeito que fôsse uma coisa importante. Depende dos bôfe do sujeito na ocasião.
- Noêmia - Eu fico triste, papai, porque tenho sido tão sua amiga, tão sua companheira sempre e o senhor não tem confiança em mim.
- Zé - Deixa de dizê bobage, gurial. Por que não é de tê?
- Noêmia - A prova que não tem é que está escondendo de mim o motivo de sua preocupação. É por que, si não é por falta de confiança? Acha que eu não seria capaz de compreendê-lo?
- Zé - Não é isso, gurial. Eu lá vô achê uma coisa dessas?
- Noêmia - Pois si o senhor não me disser o que tem, eu vou ficar sempre pensando que o senhor não teve confiança em mim, pronto.
- Zé - Arre que tú bem amostra que é mulher. Tanto deu volta que acabou me convencendo de deslindê logo a massaroca.
- Noêmia - Pois então diga, vamos ver.
- Narrador - E Zé Fogueteiro, convencido da inutilidade de querer enganar a sua Noêmia, acabou por contar a ela toda a sua conversa com o Padre Gregório. A moça ouviu-o atentamente e, findo o relato, permaneceu por alguns instantes calada e pensativa, como que a buscar no interior da sua cabecinha uma solução satisfatória para aquele caso que tanto parecia afligir o seu querido pai. De repente, mostrando os alvos dos

- tes num sorriso magnífico, disse alegremente:

Noêmia - E si eu resolver o seu problema satisfatoriamente, que me dará o senhor?

Zé - Te dou dois vestido em lugar de um, como sempre te dei.

Noêmia - Combinado. Nossa Senhora dos Remédios, este ano, vai me ver com dois vestidos diferentes, nas novenas da festa dela. E tem mais, hein? Não quero os dois de chita. Um, pelo menos, tem que ser de seda.

Zé - Te dou até os dois de seda, o que não quero é deixá de fazê os fôgo pra festa de Nossa Senhora, por causa dum ruano vagabundo. Isso é que me machuca, tu sabe? Não é o caso do dinheiro que eu vô deixá de ganhá.

Noêmia - Eu sei como é, papai. É o amor próprio da gente; mas pode deixar o caso comigo que eu tenho fé em que Nossa Senhora há de me ajudar a resolvê-lo.

Zé - Vamo vê.

Narrador - Cheio de esperança na promessa da sua Noêmia, Zé Fogueteiro se reanimou e voltou ao seu antigo estado de permanente alegria, embrenhando-se novamente no seu "importante" laboratório, na expectativa de poder realizar, naquêles três meses que ainda o separavam da festa da yadroeira, o seu sonhado foguete vermelho, de lágrimas coloridas. A filha, por sua vez, começou a rezar ardentemente à Virgem, suplicando que lhe favorecesse um jeito qualquer de poder ajudar seu pai. E tanto rezou, tanto pediu que a Virgem lhe fez a vontade. Um mês antes da festa, voltou a parecer em Aldeia Florida o célebre viajante da fábrica de fôgos que seu pai apelidara de "ruano". O rapaz, como todos os forasteiros que por lá apareciam, encontrou-a na rua, por acaso e olhou-a com interesse. Ela correspondeu ao olhar e sorriu-lhe discretamente. Foi o quanto bastou para alvoroçar-lhe o coração e fazer com que êle saísse a seguir-lhe os passos e, momentos depois, a abordasse. Era exatamente o que ela desejava e havia pedido com tanto fervor à Nossa Senhora dos Remédios.

Ruano - Passeando um pouco?

Noêmia - É. Procurando distrair o pensamento.

Ruano - E ao mesmo tempo enfeitando a rua.

Noêmia - (graciosa) Imagine! Que coisa horrível seria o nosso vilarejo, si houvesse necessidade de que eu viesse à rua para enfeitá-la.

Ruano - Pois eu penso que na mais bela cidade do mundo, você não deixaria de enfeitar as ruas por onde andasse.

Noêmia - O quê?... Francamente! Que devo pensar do senhor? Que é um lisongeiro de marca ou dono de um mau gosto tremendo?

Ruano - É indiferente. Pense o que quiser, mas só lhe digo que estou sendo sincero e você não está.

Noêmia - Ora está! Por que?

Ruano - Porque tem absoluta certeza de que é muito bonita e está fingindo ignorar.

Noêmia - Bem... cada um tem o direito de pensar dos outros o que lhe apetece.

Ruano - Não. Cada um tem o direito de pensar dos outros o que os outros nos mostram ser, ou pelo menos o que nos parece ser.

- Noêmia - Quer dizer, então, que eu lhe pareço fingida?
- Ruano - Não, isso também não. Eu quis dizer, apenas, que você está exagerando a sua modestia porque sabe que bonita e insiste em fingir que se acha feia.
- Noêmia - Ai está: o senhor continua afirmando que eu sou fingida.
- Ruano - Ora, ora, pelo amor de Deus! Não toime em desvirtuar o sentido das minhas expressões. Tudo aquilo que dissemos, leva uma intenção e essa intenção é que deve, sempre, ser considerada e não a significação exata de cada palavra que pronunciamos. Quer um exemplo? Eu poderia lhe chamar, agora, de malabarista e a palavra, em si, tanto poderia ser um elogio à sua agilidade mental, como uma censura à sinuosidade do seu caráter. O que iria diferenciar a censura do elogio seria, exatamente, a intenção com que a palavra fôsse dita.
- Noêmia - (ri com gosto) Eu sei perfeitamente. Estou apenas me divertindo com o senhor. Não me leve a mal, eu lhe peço. Gosto de fazer jogo de palavras.
- Ruano - É um passa-tempo divertido, não resta dúvida, mas perigoso às vezes, porque pode ocasionar mal entendidos. (TOM) Bem, mas deixemos isso de parte e responda a uma pergunta que lhe vou fazer: si eu lhe convidasse para o cinema esta noite... que pensaria você?
- Noêmia - Bem... dependeria da intenção que o seu convite trouxesse.
- Ruano - Penso que ela estaria mais do que evidenciada no próprio convite; não lhe parece?
- Noêmia - Mas é que os convites, quasi sempre, trazem intenções ocultas.
- Ruano - E si eu lhe dissesse que a intenção do meu era a de estarmos mais tempo juntos e nos conhecermos melhor?
- Noêmia - Eu lhe diria que nesse desejo de um conhecimento mais estreito, existia, ainda, outra intenção oculta.
- Ruano - (levemente picado) Bem... francamente... assim não é possível. Você parece que tem prazer em dificultar as coisas...
- Noêmia - (rindo) Nada disto. Eu não lhe disse, ha pouco, que gosto de fazer jogo de palavras? É o que estou fazendo.
- Ruano - Pois muito bem, si gosta de fazer jogo vamos fazer, mas vamos jogar franco; valeu?
- Noêmia - Perfeitamente. Botarei todas as cartas na mesa. Dê a saída.
- Ruano - Lá vai. Uma dama e um valete.
- Noêmia - Que pretendem êles?
- Ruano - O valete está usando os seus trunfos, para poder continuar ao lado da dama.
- Noêmia - E a dama?
- Ruano - Ah bem, agora não sei. Chegou a sua vez de falar; mas lembre-se que você prometeu fazer jogo franco.
- Noêmia - Pois bem, a dama está de acordo em ficar ao lado do valete, mas não no escuro.
- Ruano - Pois sugira então, a dama, um outro local e o valete estará de acordo.
- Noêmia - A praça, por exemplo. (Pausa) Não parece, ao valete, um local mais apropriado para um primeiro encontro?
- Ruano - Mais vigiado, é o que a dama quer dizer; não é verdade?

Noêmia - Também. Uma dama que se presa não deve se expor aos comentários mal-dosos de um baralho inteiro.

Ruano - Compreendo. E pode estar certa que muito agrada, ao valete, esse cuidado da dama. (TOM) Pois então façamos o seguinte: iremos nos encontrar, logo à noite, na praçinha da Igreja. Está bem?

Noêmia - Combinado. A dama comparecerá ao encontro marcado com o valete.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA INÍCIO DO SEGUNDO ATO.

Narrador - Naquela noite, depois do jantar, fugindo a todos os seus hábitos, Noêmia pôs o seu melhor vestido, penteou os seus cabelos cuidadosamente, acentuou um pouco mais a discreta pintura do seu rosto e, armada do seu melhor e mais gracioso sorriso, lá se foi ao encontro do Ruano, inteiramente disposta a conquistá-lo. Andaram juntos na praça, foram à confeitaria tomar um sorvete e pouco depois das dez horas da noite, quando o rapaz foi acompanhá-la de volta à sua casa, já estava irremediavelmente preso aos seus encantos. E o interessante era notar que Noêmia, que se aproximara do rapaz com um fim determinado, parecia, também, bastante inclinada pela elegância e desenvoltura do seu novo namorado. (Pausa e tom) Apesar do pequenino comércio de Aldeia Florida não exigir por mais de dois dias a presença de qualquer representante comercial, fazia já cinco dias que o Ruano se encontrava no vilarejo, sem forças para abandoná-lo. Finalmente, compreendendo que não lhe seria possível justificar aos olhos do patrão uma demora maior, o rapaz, muito a contragosto, marcou a sua partida para o dia seguinte e naquela noite, a última que lhe restava para gozar a companhia da sua encantadora namorada, resolveu esclarecer com ela a situação.

Ruano - Noêmia, eu gostaria de sair daqui, levando comigo a certeza de que você esperaria a minha volta. Você... você seria capaz de esperar por mim, se eu lhe promettesse retornar à Aldeia Florida dentro de... de sessenta dias, digamos?

Noêmia - Alfredo, eu... eu esperaria por você sessenta meses que fossem, mas... não seria decente iludi-lo.

Ruano - (chocado) Como assim?!...

Noêmia - O nosso romance deverá terminar com a sua partida amanhã, porque... porque meu pai não o vê com bons olhos e eu não teria coragem de fazer nada que pudesse magoá-lo.

Ruano - (atordado) Seu pai... não me vê com bons olhos, você disse? Mas por que? Eu fiz alguma coisa a ele?!

Noêmia - Fez, Alfredo. Sem saber, mas fez.

Ruano - (afrito) O que, pelo amor de Deus?!... Diga-me! Explique-se!

Noêmia - Você foi o primeiro concorrente comercial que lhe apareceu aqui em Aldeia Florida; entende?

Ruano - Eu?! Mas que tem...

Noêmia - (corta) Espere. Deixe-me explicar-lhe tudo direitinho. Meu pai, ha

mais de vinte anos, era o fornecedor de foguetes e fôgos para a festa de Nossa Senhora dos Remédios. Embora o lucro da encomenda fôsse um lucro pequeno, era uma grande alegria, para êle, poder concorrer com alguma coisa para o brilhantismo da festa. De um momento para o outro você aparece e oferece ao Padre Gregório, gratuitamente, todos os fôgos que êle pudesse necessitar... você compreende... privou-o não tanto do lucro, que como já disse era mínimo, mas principalmente do prazer que êle sentia em poder empregar os seus préstimos nas festividades de nossa padroeira.

Ruano - Mas eu ignorava, completamente, as atividades comerciais de seu pai, juízo-lhe.

Noêmia - Eu sei e mesmo que não ignorasse, estava no seu direito de procurar expandir as suas vendas, oferecendo vantagens para conquistar a praça. É justo. É comercial. Acontece que papai, coitado, é um homem rude, sem nenhuma instrução e não consegue encarar as coisas sob este aspecto. Ele vê em você, apenas, o homem que veio privá-lo de uma antiga praxe que lhe proporcionava um prazer imenso.

Ruano - Pois bem, Noêmia, não seja esse fato motivo de dificuldade à realização do nosso sonho de amor. Diga ao seu pai que hoje mesmo irei falar ao Padre Gregório e que êle terá a sua encomenda de fôgos como nos outros anos.

Narrador - E no dia da partida do Ruano, à tardinha, o Padre Gregório apareceu na casa de Zé Fogueteiro, quando este já se preparava para a sua voltinha habitual, após o jantar. Noêmia, ao vê-lo chegar, não pôde deixar de esboçar um sorriso de felicidade.

Padre - Seu pai está, minha filha?

Noêmia - Está, sim senhor. Tenha a bondade de sentar-se um momento que êle não demora. (projetando) Papai, o padre Gregório está aqui.

Zé (de longe) Já vô minha filha. Intertem ele aí um mucado que eu não de moro.

Noêmia - Ele acabou de jantar e foi se arrumar para dar a sua voltinha.

Padre - É justo. A pessoa que trabalha tem o direito de se distrair. (Pausa e tom) E você como vai, minha filha?

Noêmia - Bem, graças a Deus, Padre.

Padre - Eu ouvi rumores de um certo casamento à vista... Será verdade?

Noêmia - Bem, quer dizer... entre namorar um rapaz e casar com êle...

Padre - Eu sei, eu sei, mas o que ouço murmurarem por aí é que êle está seriamente impressionado por você e disposto a entrar para o rol dos homens sérios.

Noêmia - Isso a gente nunca pode saber com certeza.

Padre - Bem, lá isso é verdade; mas você sabe que êle me parece ser muito bom rapaz, minha filha?

Noêmia - Eu acredito que seja, Padre Gregório, mas o senhor sabe perfeitamente que, para um casamento, é necessário que exista, de ambos os lados, um amor verdadeiro.

Padre - Mas é claro, minha filha. Nem se pode admitir uma união entre dois seres que não se amem verdadeiramente.

Noêmia - É como para que seja possível medir-se o amor é necessário que aqueles que julgam se amar conheçam-se perfeitamente, nada se pode deduzir, sem risco de erro, senão depois de uma convivência maior.

Padre - Exatamente. E você faz muito bem em agir com toda a prudência, minha filha. Si todas as moças que se casam tivessem esse mesmo cuidado, não seria tão grande o número de desajustadas que existe por aí.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

Noêmia - Ai vem papai.

Zé - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, padre Gregório.

Padre - Para sempre louvado seja, meu amigo.

Zé - Descurpe a demora, mas eu tinha ido arrecom me aperpará pra sair, quando a guria gritô que voismicê tinha chegado.

Padre - Não tem importância. Só assim eu descansei um pouco e conversei com a Noêmia que ha muito tempo eu não conversava.

Zé - Mas a que devo o gosto de le vê na minha casa, anssim meio de repente?

Padre - Pois você nem sabe o que me aconteceu, Zé.

Zé - Diga, seu Padre.

Padre - É que a tal fábrica que eu lhe falei que ia me fornecer os fôgos para a festa; lembra-se?...

Zé - Ma alembro, como não?

Padre - ... mandou me avisar, agora, pelo viajante que andava aí, que infelizmente não vai poder mandar nada do que prometera, pelo grande número de encomendas que está obrigada a atender. Imagine você! Eu tratei de vir imediatamente lhe trazer a minha encomenda, que é para você ter tempo de fazê-la. Você vai aceitá-la; não vai?

Zé - (depois de pausa) Bueno, ... qué dizê...

Noêmia - Vai aceitá-la, sim, pai. Então o senhor vai deixar a festa da nossa padroeira sem pistolões? Não acredito.

Zé - Não é isso, minha filha. Deixá sem, eu não deixo. O tempo é que tá meio escasso.

Noêmia - Não tem importância, papai. Nem que eu tenha que lhe ajudar.

Zé - Bueno, si tú me ajuda é outra cousa. Ai eu posso aceitá.

Noêmia - Ajudo. Assumo o compromisso aqui, na presença do Padre Gregório.

Zé - Muito bem. Então tá. Trouxe a incumenda, Padre?

Padre - Trouxe. Aqui está a lista de tudo que preciso.

Zé - (depois de pausa) Muito bem, então pode deixá que amanhã mesmo a gente já começa.

Padre - Muito bem. E agora eu vô andando que ainda tenho umas voltas a dar. Deus fique nesta casa, meus filhos.

Noêmia - Que assim seja, Padre. (TOM) Eu vou acompanhá-lo até à porta.

OPERADOR - PASSOS DE DUAS PESSOAS QUE SE APASTAM.

Zé - (meia voz) Eu sabia! Eu tinha certeza que Nossa Senhora dos Remédios não ia me deixá na mão, inda mais que eu sempre trabalhei pro ela de boas tenção. A bem dizê nem era pra ganhá. Era só pra comprá um vistido pra Noêmia, uma roupa pra mim e pronto. O resto era pra enfeitá o céu na noite da festa. (TOM) Urre, diacho! O Ruano quis fazê xuxera pra

min, mas ele saiu o tiro pela culatra. E se eu pudesse descobrir agora o foguete real, aí mesmo é que eu ia dá deraítnho na cabeça dele!

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

- Noêmia - Como é, papai, viu? Nossa Senhora dos Remédios atendeu às nossas súplicas e o senhor está me devendo os dois vestidos de seda que me prometeu.
- Zé - E te dá de muito bão gosto. Tanto mais agora que tú vai me ajudá a perpará a encomenda da festa.
- Noêmia - É mesmo que eu não lhe ajudasse o senhor ia ter que me dar porque... quem preparou toda essa trama... fui eu.
- Zé - Que trama que tú fala, guria? Não tô te entendendo.
- Narrador - E Noêmia contou ao pai, ponto por ponto, todos os detalhes da sua trama, aproveitando a ocasião para sondar-lhe o espírito sobre a possibilidade de um casamento entre ela e o Ruano. Zé Fogueteiro coçou o queixo duas ou três vezes, mastigou o palheiro com os poucos dentes que lhe restavam à frente da boca e, de repente, como se uma nova ideia lhe tivesse aflorado ao cérebro, abriu a sua fisionomia num sorriso de esperança e perguntou à filha:
- Zé - Será que êle não me dava uma mãozinha pra me ajudá naquele foguete que eu tenho tanta vontade de fazê?
- Noêmia - Não sei, pai. Acho que si êle puder... possivelmente dará.
- Zé - Quando é que êle volta?
- Noêmia - Penso que agora, antes de dois ou três meses, êle não voltará por aqui.
- Zé - Bueno, qué dizê que pra essa festa não dá, mas pra outra... Tá bão minha filha, quando êle voltá por aqui e viê te percurá pra falá contigo, tú me apresenta êle que nós vamo conversá.
- Noêmia - Está bem, papai, mas agora, em vez do senhor sair por aí a tomar traguinhos e spanhar frio nas mesas dos cafés, porque não fica em casa e não começamos esta noite mesmo a encomenda do Padre Gregório?
- Zé - É, tú não deixa de dizê uma coisa que é justa. Eu vô torná e cambiá de roupa e vamo começá a trablha agora mesmo.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

- Narrador - Depois de dois meses e pouco de ausencia e de saudade, numa tarde de sol de primavera, o Ruano voltou, inesperadamente, a Aldeia Florada. Mal desembarcara na estação da estrada de ferro e já Noêmia fôra informada de sua chegada, por uma vizinha. Imediatamente meteu-se no vestido de seda que fizera para a festa de Nossa Senhora dos Remédios e saiu a andar pela rua principal do logarejo, sob o pretexto de fazer algumas compras. Não demorou muito, na quadra do hotelzinho onde êle costumava se hospedar, encontraram-se os dois saudosos namorados.
- Ruano - Querida, que saudade!... Eu não via mais chegar o momento de tornar a encontrar-te. Sabes que te escrevi várias cartas?
- Noêmia - (rápida) Mas eu não recebi uma só; podes oxer.
- Ruano - Espera. Eu sei que não as recebeste. E nem poderias recebê-las porque eu não as enviei.
- Noêmia - É para que as escreveste, então?
- Ruano - Para sentir a impressão de que estava a conversar contigo. Não podia

mandá-las, uma vez que já me havias pedido, com empenho, que não te eseres
vesse.

Noêmia - É que eu não desejava fazer nada que te prendesse à minha lembrança.

Ruano - Que esperavas alcançar com isto? Posso saber?

Noêmia - A certeza de que a minha imagem permanecia viva no teu pensamento, in-
dependente de qualquer gesto meu que pudesse reavivá-la. Agora tenho
a certeza que desejava.

Ruano - És diferente de todas, meu amor e penso que justamente por seres assim
foi que me prendeste tanto.

Noêmia - Eu também me sinto presa a ti, como nunca pensei que me pudesse pren-
der a alguém.

Ruano - E o assunto de teu pai; como ficou? Ele fez os fôgos para a festa?

Noêmia - Fez. E nem imaginas a alegria que sentiu em poder fazê-los! (Tom) Sa-
bes que aproveitei o fato para lhe falar do nosso namoro?

Ruano - (ansioso) E ele? Que disse? Mostrou-se contrariado?

Noêmia - Vou te contar: a princípio franziu o rosto... coçou o queixo... mordeu
o cigarro de palha que tinha na boca e não disse uma só palavra a res-
peito. Eu, esperando, nervosíssima, fingindo a maior calma e indiferen-
ça. De repente, os seus lábios se entreabriram num sorriso...

Ruano - (ansioso) E o que foi que ele disse?

Noêmia - Que quando você chegasse queria conversar com você.

Ruano - E tá achas que ele nos dará o seu consentimento?

Noêmia - Estou certa que sim. Si ele não estivesse disposto a ceder, na mesma
hora teria manifestado o seu desagrado.

Ruano - Inda bem. E quando será que eu posso falar com ele?

Noêmia - Você tem muita pressa?

Ruano - Mitíssima. Vim aqui por três dias, apenas a quero gosá-los como noivo.

OPERADOR - ACORDE ALEGRE, SEM CORREAR A CENA.

Noêmia - Y Como foi que você disse?!... Então você já quer...

Ruano - (pequena pausa)... tratar casamento, é claro. Si foi para isto que vim.

Noêmia - É verdade, Alfredo?!... Oh, meu querido! Tudo isso me parece um sonho!

Ruano - Mas é a pura realidade, meu amor! Vim para tratar casamento contigo e
desejo falar com teu pai o mais depressa possível.

Noêmia - Bem, si você deseja realmente isso, poderá falar com ele hoje mesmo à
noite, se quiser.

Ruano - Quero, sim. E se pidesse falava agora, já. Avisa-o, então de que às oi-
to horas irei à sua casa para botar os pontos nos is.

Narrador - E tal como disse, o Ruano fez. Um pouco antes das oito, mudou uma be-
la gravata, penteou-se, perfumou-se e lá se foi, alegre como um garoto
em férias, para a casa da sua encantadora Noêmia, onde Zé Fogueteiro,
já avisado pela filha, esperava-o para acertarem as bases de um contra-
to que, tanto para um como para o outro, era de suma importância. Noê-
mia fez as apresentações necessárias e, como convinha ao estilo da épo-
ca, se retirou discretamente para o seu quarto, afim de aguardar o cha-
mado de seu pai na hora precisa.

- Zé - A guria me disse que o senhor precisava falá comigo?
- Ruano - É verdade. (Pausa) Não sei si ela disse ao senhor qual seria o assunto da nossa conversa?
- Zé - Ela falou aí que voçeis parece que tão meio enrrabichado um pelo outro?
- Ruano - Meio, não, seu Zé. Eu, pelo menos, estou completamente enrrabichado por ela e queria o seu consentimento para tratarmos casamento agora e casar mos dentro de oito ou dez meses, no máximo.
- Zé - Dentro de oito ou deiz meis?...
- Ruano - É que eu eston com uma casinha em construção, na cidade onde moro, e o construtor me prometeu entregá-la, pronta, dentro desse prazo; por is so é que serei obrigado a fazer um noivado mais longo.
- Zé - Você acha que seje longo? Pois olhe, moço, eu vó le disá: acho muito pouco tempo pra eu podê aprontá ela. A gente ganha pouco, o senhor sa be... tem que i fazendo um meis uma coisa... outro meis outra...
- Ruano - Mas o que ela não puder fazer não tem importância. A gente compra de pois de casados.
- Zé - Bueno, até aí tá munto bem, mas agora tem um caso que não vai sé lá muito do seu agrado.
- Ruano - O que é? Diga. Pode ser que haja um jeito de se remediar a situação.
- Zé - É que durante os meis em que eu teja aprontando a guria, vó té que pa rá com as minhas experiências que eu sempre faço elas com os dinherinho que me sobra. Porque não sei si le disseram que eu...
- Ruano - (corta) Disseram, sim. A Hoêmia já me contou toda a historia do foguete real que o senhor quer, por força, descobrir.
- Zé - Quero, mesmo. Dêis que eu trabalho nessas coisa que tenho essa vontade.
- Ruano - Pois o senhor sabe que eu talvez possa lhe auxiliar?
- Zé - (com imenso agrado) Não diga!...
- Ruano - É verdade, sim. Eu talvez possa conseguir, com os técnicos da nossa fábrica, algumas fórmulas que eles ainda não cogitaram de executar e que possam vir a auxiliá-lo na sua descoberta.
- Zé - Barbáridade! Se você me conseguiu isso meio logo, é capaz, até, que eu possa aprontá a guria de um tudo, mais ante mesmo de voçeis se casá.
- Ruano - Eu vou me interessar, seu Zé. Vou fazer todo o possível para conseguir isso bem ligeiro.
- Zé - Pois munto bem. Entonce temo combinado. (projetando) Hoêmia, vem duas veis, guria. O home já pidiu a tua mão e nós já se intendemo. Pode vim.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O TERCEIRO ATO.

Narrador - Mal chegado, de regresso, à Capital, o Ruano se interessou em cumprir a promessa feita ao futuro sogro, conseguindo as fórmulas prometidas e remetendo-as pelo primeiro portador que lhe apareceu. Aconteceu, entretanto, que, em algumas delas, eram empregados vários tipos de explosivos não conhecidos pelo velho fogueteiro de Aldeia Florida e isto, numa das suas primeiras experiências, sofreu as consequências de uma tremenda explosão que lhe deixou inteiramente cego. Sabedor do aconte

cido, o Ruano, imediatamente, correu para o lado de sua noiva.

Ruano - Eu estou verdadeiramente desolado, minha querida!

Noêmia- (chorosa) Eu bem imaginô, meu amor. Eu bem imagino!

Ruano - E dizer-se que a minha intenção foi a de lhe proporcionar a realização de um sonho que era a sua maior ambição!

Noêmia- É assim o destino: êle às vezes nos arma tais ciladas, capazes de transformar em X mal o bem que pretendemos fazer.

Ruano - Eu queria poder reparar, ao menos em parte, essa tremenda tragédia. Que achas que eu poderia fazer para isso? Diz.

Noêmia- Não ha mais nada a fazer, infelizmente, meu bem. O Padre Gregório já fez vir um especialista de Lagoa das Cruzes e o homem nos disse, francamente, que é um caso perdido.

Ruano - Mas quem sabe?... Não podemos nos guiar, apenas pela opinião de um especialista. Devemos ouvir vários. E foi com essa intenção que tratei de vir imediatamente, para levá-los comigo.

Noêmia- Eu não creio que papai queira sair daqui, ainda que por poucos dias, em todo o caso... não custa tentar. Pode ser que você falando com êle e eu insistindo...

Ruano - É isto. Temos que fazer tudo para convencê-lo. (Pausa e tom) Êle já sabe que eu cheguei?

Noêmia- Não tive tempo de avisá-lo. Seu telegrama chegou nam faz duas horas, ainda... Parece que as linhas não estavam boas.

Ruano - Pois então disse-lhe que vou chegar à tardinha e que à noite estarei aqui para conversar com êle.

Narrador - Não houve proposta que servisse para arrancar Zé Fogueteiro do seu canto. Recebera o acidente como um castigo à sua desmedida ambição e aquela ideia não lhe permitia procurar qualquer fuga para uma situação que - achava êle - fôra imposta por Deus. (Pausa e tom) Três dias o Ruano permaneceu junto à noiva adorada e três dias ambos martelaram, sistematicamente, os ouvidos daquele homem para convencê-lo a procurar os recursos que êlas se dispunham a proporcionar-lhe. Finalmente, no último dia da permanência de seu noivo em Aldeia Florida e vendo que não lhe seria possível demover o pai da sua obsessão, Noêmia, com verdadeiro desespero d'alma, se resolveu a tomar a única atitude que lhe parecia compatível com a situação do momento. E à noite, quasi na hora da separação, ela disse ao noivo:

Noêmia: Sinto muito, Alfredo, ter que lhe dizer o que resolvi sôbre a nossa situação.

Alfredo - (depois de pausa) Fala, querida.

Noêmia - Eu sei que vou lhe causar um choque tremendo, mas... não encontro outra saída.

Ruano - (pulga na orelha) Em que é que estás pensando?

Noêmia- Em que sou obrigada a devolver-lhe a sua palavra e considerar desmanchado o nosso noivado.

OPERADOR - ACORDE AGUDO SEM CORTAR A CENA.

Ruano - (choque) Como?!... Não pode ser!... Tô não estás falando seriamente.

Noêmia- Você acha que me seria possível brincar nam momento destes?

Ruano - Mas francamente, Noêmia! Eu não vejo porque tú te coloques na emergência

cia de tomar uma resolução tão drástica?!

Noêmia - Você acha que me saíba o direito de transtornar completamente os seus planos de futuro?

Ruano - Eu te concedo esse direito, Noêmia.

Noêmia - Mas eu não posso, de modo algum, aceitar essa concessão. Não é justo.

Ruano - E quais seriam os transtornos a que te referes? Teu pai ter que ir morar em nossa companhia? Si é isso, affianço-te que já fazia parte dos meus planos. Sendo tú, sua única filha não me parecia justo levar-te daqui deixando-o sosinho.

Noêmia - Mas papai, logo após o nosso contrato de casamento, já me tinha declarado que não sairia daqui por preço algum, tanto que eu já estava disposta a deixá-lo e vir visitá-lo periodicamente, mas agora... assim como éle está... não só serei obrigada a ficar ao seu lado, como terei que trabalhar para mantê-lo.

Ruano - Mas eu estou inteiramente disposto a fazer...

Noêmia - (porta) Não, não, Alfredo, não termine, por favor. Agradeço sinceramente tu a sua intenção, mas não posso aceitar tanto de você. O melhor de tudo é esperarmos que o tempo resolva a situação, sem nenhum compromisso que lhe prenda. Acredite que será a melhor solução e também a mais digna.

Narrador - Alfredo ainda tentou, por todos os meios, demover a noiva daquela ideia obstinada, mas ela se mostrou bem filha de seu pai e todos os argumentos do noivo resultaram inúteis. Uma hora depois, éle partia com a morte e o desespero dentro d'alma e Noêmia voltava para o lado de Zé Foguetreiro, contendo, a custo, as lágrimas que teimavam em saltar dos seus lindo olhos, amargas e ferventes. (Pausa e tom) Para amainar um pouco o desespero que lhe consumia, atirou-se com afínco ao trabalho tomando, corajosamente, as rédeas da pequena indústria do pai, indústria essa que, três meses depois de estar sob a sua direção, já começava a dar evidentes sinais de prosperidade. Certa noite em que a moça dava contas ao pai do que estava fazendo...

Zé - Eu tô satisfeito de vê que tú vai de vento em pópa, guria, mas hay uma cousa que eu ainda ficava mais satisfeito si tú fizesse.

Noêmia - Que é, pai? Diga.

Zé - Eu quíria que tú continuasse as minhas experiênciã pra descobri o foguete real.

Noêmia - Eu estou continuando, pai. Não queria lhe dizer nada, antes que tivesse conseguido o resultado desejado, mas já que o senhor tocou no assunto... não posso continuar ocultando.

Zé - (alvorço visível) Tú tá mesmo fazendo isso, minha filha?!...

Noêmia - Estou, sim, pai e tenho conseguido esplêndidos resultados com aquelas fórmulas novas que recebemos. Tanto que estou com muita esperança de que, para este ano, na festa da nossa Padroeira, já possamos apresentar o novo foguete.

Zé - Te juro, minha filha, que depois disto, o teu pai não quer mais nada. Tá satisfeito. Ele não pode fazer, mas tu fazes. É a mesma coisa.

Noêmia - Escute, pai: si lhe mandassem escolher entre voltar a visão aos seus olhos ou o sucesso da nossa experiência... que escolheria o senhor?

Zé - Não tô te entendendo, gurria. Que é que tu quer dizer com isso?

Noêmia - Que si o senhor tivesse que escolher entre ficar bom da cegueira ou descobrir o foguete real... qual das duas coisas o senhor escolheria?

Zé - (depois de pausa) Tu quer que eu te diga uma coisa, gurria? Tá vai te adar a rá, mas eu vô te dizer que porcaria que tu descobrisse o foguete pra nós.

OPERADOR - RAJADA FORTE, SEM CORTAR A CENA.

Noêmia - (redo, papai... Isso é mesmo verdade?!...)

Zé - Pois si eu tô te dizendo... Eu tô tão bom assim, dá-se bem a verdade... Já chega o que eu vi nesses anos todos que vivi bom das vista. O foguete... tu nem sabe o que ele arrepresenta pra coração deste velho!

Noêmia - (enfocada) Está bem, meu pai... eu só lhe perguntei porque... porque ti ve uma ideia - agora que as nossas experiências estão quasi coroadas de êxito - de oferecer o fracasso total da nossa tentativa em troca da sua cura.

Zé - (ênfase) Não, filha, não fazes isso! Eu não quero, eu não quero!

Noêmia - Está bem, pai, está bem... eu não vou fazer. Justamente procurei lhe consultar, antes de fazer qualquer promessa.

Zé - Deixa eu assim como tô que decerto foi Deus Nosso Senhor quem quis.

NARRADOR - Noêmia ficou calada, mas falaram da sua dor e do seu desengano, as duas grossas lágrimas que lhe correram, quentes, pelo rosto pálido. O pai só pensava no foguete real, esquecendo-se até mesmo dela e da sua felicidade trucidada. Esquecia-se, criminosamente, que a sua cura seria a libertação da sua filha única que, numa demonstração admirável de altruísmo e desprendimento, se desligara dos anseios amorosos do seu jovem coração, para postar-se, com firmeza inabalável, no lugar que a sua consciencia lhe apontava. (Pausa e tom) E convencendo-se da veracidade de uma afirmação que um dia lhe haviam feito de que os velhos, em geral, se tornam egoístas, Noêmia disse, para si mesma, à meia voz:

Alf.: - É... infelizmente não me resta outro remédio sinão procurar esquecê-lo. Dizer-lhe que venha para junto de mim é o mesmo que exigir que ele feche os olhos a todas as vantagens que o futuro lhe oferece. Não posso fazer isto, não posso. Não tenho este direito. Que me adianta, portanto, pensar nêle e alimentar qualquer esperança de felicidade ao seu lado, si também não posso abandonar meu pai e jamais o convencerei de largá-lo comigo? É doloroso! Profundamente doloroso, mas o meu certo de tuão é não pensar mais em Alfredo!

Narrador - O boníssimo Padre Gregório, a quem Noêmia confessava as suas mágoas, não se conformava com o egoísmo de Zé Fogueteiro e, por várias vezes, se propusera a chamá-lo à razão, mas esbarrara, desde logo, com a obstinada resistência da moça. Impossibilidade de agir por esse lado, fez o sacerdote vir, como que por acaso, um grande especialista de olhos

da Capital. Depois de levado, também como que por acaso, à presença do cego, opinou ele que uma intervenção nas córneas talvez lhe restituísse a visão. Instado pelo Padre a que se pronunciasse a respeito, Zé Fogueteiro limitou-se a responder:

- Zé - Depois da festa de Nossa Senhora dos Remédios, eu vou arresolvê o assunto. Tempo tempo intê lá.
- Padre - Mas essas coisas, amigo Zé, a gente não espera. Trata de fazer logo. É além de tudo, você precisa pensar também em sua filha. Ela, coitada, está carregando, sobrinha, sobre os seus hombros frágeis, toda a responsabilidade de um trabalho que não estava habituada a fazer. Você seguindo a sua cura, poderá reassumir o seu posto e ainda que ela continue lhe ajudando, já a vida dela se tornará mais suave.
- Zé - A guria gosta de trabalhá, seu Padre e ainda vô le disse mais: sabe trabalhá milhó do que eu. É mais a mais agora ela não tá trabalhando sózinha, porque além dos dois exiliá que nós botemo, eu também já tô dando a minha ajuda, o senhor pensa? Já me imbituei de carregá os cartucho mesmo sem enxergá que carrego um mundão deles no fim do dia.
- Padre - Eu sei, eu sei! a Noêmia já me disse. Aliás ela está muito satisfeita com isto, porque acha que é uma ótima distração para você.
- Zé - É, sim, não deixa de sê. Enquanto a gente tá trabalhando não tá pensando do bobage.
- Padre - Diga-me uma coisa, amigo Zé: e o noivado dela em que ficou? Ela nunca me tocou neste assunto eu não quis falar.
- Zé - Pois depois da úrtima vez que ele têve aí, parece que se desacertaro e ele não voltô mais.
- Padre - Mas ela não lhe disse os motivos do desacerto?
- Zé - Não disse nada... eu também não priguntei. O que eu penso mesmo de vez em quando é que ela não gostava do Ruano. E si não gostava o milhó foi mesmo traminá tudo, porque não falta um rapais bom, aqui mesmo, que quera casá com ela.
- Padre - Pois você quer saber a minha opinião, amigo Zé? Eu acho que ela gostava dele e muito, até.
- Zé - Que o quê, seu Padre, gostava nada! Ela nunca mais falou no nome dele! E vô le disse mais: ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ nem se alesbra que o Ruano imbituei te.
- Padre - As apparencias às vezes enganam, meu amigo. Quantas e quantas lagôas calmas na superficie, guardam, no seu interior, insondáveis abissos de revolta?
- Zé - Noêmia não tem disso, não, Padre Gregório. O que ela acha ela diz. Imbituei ela assim, dês de piquinitota.
- Narrador - Padre Gregório ainda usou de diversas artimanhas para chamar Zé Fogueteiro à razão, mas... ou porque ele não acreditasse realmente ou fingiu se não acreditar que o noivado da filha fôra desfeito pela situação a que o acidente o reduzira - a verdade é que todos os esforços do bom sacerdote resultaram inúteis: Desse modo, a situação permaneceu inalterada, até que chegou o dia da festa de Nossa Senhora dos Remédios. Uma dúzia dos novos foguetes ia ser apresentada na praça pública, diante

da igreja da Santa. Padre Gregório fixera vir, das cidades mais próximas, repórteres e fotógrafos, para que assistissem a grande novidade em matéria de foguetes e toda Aldeia Florida comentava o grande lançamento da indústria de Zé Fogueteiro. Quasi na hora da festa começar, ele perguntou à filha:

Zé - Como é, gurria? Tá não vai te arrumá pra i na praça?

Hoêmia- Não, pai. Eu estou com muito receio de um fracasso e resolvi assistir de longe. Ficarei aqui na janela.

Zé - Mas tú não disse que as experiências foi tudo bem?

Hoêmia- Foi, realmente, mas... o senhor sabe como são essas coisas. Aliás como em todas as coisas, se o diabo resolve se meter no meio estraga tudo.

Zé - Bom, isso de fato é verdade. Quando o diabo atenta...

Hoêmia- Assim o melhor de tudo é olhar daqui. Nossa Senhora conhece bem as minhas razões e me desculpará de não estar lá, perto dela.

OPERADOR - FOGUETES EM B/G. PERMANECEM ATÉ NOVA RUBRICA.

Zé - Tá certo, eu sei que Nossa Senhora não vai levá a mal tú... (transição)
Óia, gurria. Tá tá ouvindo? Já começaro a queimá os foguete.

Hoêmia- Mas ainda não são os foguetes reais. O Padre Gregório me disse que primeiro mandaria queimar alguns foguetes comuns, que era para chamar a atenção do povo e depois então queimaria os outros.

Zé - De fato era desse jeito, mesmo, que ele tinha que fazê. Cuida bem o céu na direção da praça e me conta tudo, gurria.

Hoêmia- Eu estou cuidando, pai. Pode ficar descansado. Mas eu estou nervosa, sabe? Tão nervosa que estou com as mãos completamente geladas. Veja.

OPERADOR - CORTA FOGUETES EM B/G.

Zé - Credo em Cruz! É vê uma pedra de gelo! Eu também tô nervoso, mas não chego a fiar assim que nem tú. Acho que eu tô com mais confiança no teu trabalho do que bem dizê tu mesma. (segue a fala seguinte sem cortar)

OPERADOR - AFASTADO, MAS BEM AUDIVEL, ASSOBIOS DE ROJÃO SUBINDO.

Zé - Si tá já exprementou elas e deu certo, agora não...

Hoêmia- (corta, nervosa e emocionada) Pai, subiu o primeiro, pai! Eu estou cobrindo pelo rastro de luz vermelha que ele vai deixando na subida. Está indo alto... alto... bem como nós desejávamos que ele fosse...

Zé - (nervoso e emocionado) Olha bem tudo, gurria. Olha bem tudo e vai me dizendo.

Hoêmia- (emoção forte) Pronto, pai. Estourou!... Uma estrela enorme e vermelha, tal como nós havíamos sonhado!...

Zé - (emoção profunda) Louvado seja Deus, minha filha!...

Hoêmia- (voz de choro) É linda, pai! Lindíssima a estrela vermelha!...

Zé - (ansioso) E as lágrimas, minha filha? As lágrimas? Ela não tá chorando?

Hoêmia- (chorando e buscando conter-se) Está, sim, pai! Começou a chorar agora mesmo! As lágrimas estão caindo, uma por uma, brilhantes... coloridas... óra azuis, como o manto de Nossa Senhora... óra verdes... como as roupas e as orelhas... óra douradas... como os raios do sol... ou então... quasi roxas... bem de cor de sangue!...

OPERADOR - GUITARIA E VIVAS DE MUITA GENTE EM FUNDO.

ESTÚDIO - BEM NO ÚLTIMO PLANO. AJUDA OS VIVAS. (CUIDAR O TOM DE DISTÂNCIA).

Noêmia - (sempre contendo o choro, trágica e significativa) Pronto, pai. Agora... agora a nossa estrela... se apagou!...

Zé - (peguena pausa) Tá tá ovindo, garia? Tá tá ovindo? O povo tá tudo v^{iv}endo!... Agora sim!... Agora eu tô satisfeito e feliz. Nem quero mais nada! Tá não tá tabem, garia?

Noêmia - (que estava alheia, como que acordando) Han? Que foi, pai?

Zé - Eu tô te perguntando si tú não tá contenta!

Noêmia - Estou contente, sim, pai. (vos de choro) Estou muito contente! Muito contente!...

OPERADOR - CORIA TODOS OS RUIDOS EM FUNDO E BOTA MELODIA TRISTE E SUAVE BG.

Narrador - Noêmia permaneceu ainda muito tempo com seu pai à janela, até que se queimasse o último foguete real da fúria que ela fornecera ao Padre Gregório para aquela comemoração anual a Nossa Senhora. Olhou um por um os dois foguetes, descrevendo ao pai a trajetória de todos eles. Quando as lágrimas da última estrela vermelha se apagaram no cenário escuro do céu, ela deixou que caíssem, em silêncio, as lágrimas amargas e quentes que lhe queimavam, impiedosas, as suas línguas e negras papilas. Ouvia distantes, muito distantes, as palavras de entusiasmo que seu pai pronunciava ali, ao seu lado, ou melhor, ao lado de seu corpo sem alma, porque esta acabava de embrenhar-se no negro de uma noite sem estrelas!... (Pausa e tom) Muito tempo depois, quando fechou a janela e se dirigiu para o quarto, passou pelo quarto do pai e vislumbrou-o, ajoelhado, diante de uma imagem de terracota, agradecendo à Virgem, certamente, a imensa graça que ~~ele acabava~~ acabara de alcançar. Seus lábios se entreabriram, balbuciantes, para dizer a si mesma:

Noêmia - (contendo o pranto, lamentos) De mim... Ela se esqueceu!...

Narrador - Mas si ela pudesse ver e ouvir, através da noite e da distância...

OPERADOR - TREM EM MOVIMENTO, BEM AO LONGE

Narrador - ... decerto não pensaria assim!

OPERADOR - APROXIMA O TREM ATÉ FICAR EM 2º PLANO. PERMANECE

Ruano - (falando para si mesmo) É uma pena que este trem tenha se atrasado tanto e eu não possa chegar em tempo para a festa que, a estas horas, já deverá estar terminando; mas amanhã bem cedo, si Deus quiser, estarei despertando a minha bem amada, com a notícia de que desta vez eu vim... para ficar!...

OPERADOR - SOBE O TREM EM FUNDO ATÉ FICAR BEM FORTE E FUNDO COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO TERCEIRO ATO.

NARRADOR - PAULO RICARDO
ZÉ ROBERT - DAUSY FERREIRA
NOÊMIA - CHIMM HEWELL
RUANO - WILSON FERREIRA
PADRE GREG. - HAYDÉE
D. L. F. 10 - 11/1